
Notas e Comentários

Persp. Teol. 28 (1996) 83-95

PRESENÇA DA IGREJA NA CIDADE

INQUIETUDES E PISTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO PASTORAL "CONSTRUIR A ESPERANÇA"

Rosinha Borges Dias

Os desafios da grande cidade são a principal motivação do Projeto Pastoral "Construir a Esperança". Nossa experiência iniciou-se há mais de cinco anos. Partiu da constatação das profundas mudanças que se passam no mundo atual: a questão urbana, a modernidade, a crescente exclusão social. E sobre a necessidade de a ação evangelizadora acompanhá-las. Nossa área metropolitana possui hoje mais de três milhões e meio de habitantes, uma população maior do que a do Uruguai. A taxa de urbanização de toda Arquidiocese de Belo Horizonte é acima de 95%. Somos 25 municípios e 196 paróquias.

Os desafios dos anos 90 e a entrada do novo milênio apresentavam-se como oportunidade para se repensar de modo mais global a presença da Igreja na cidade, de maneira mais humana e acolhedora.

No final do ano de 1989 o Conselho Presbiteral da Arquidiocese decidiu que um esforço conjunto para dinamizar a pastoral devia ser feito. Para encaminhar todo o processo foi escolhida uma comissão composta de representantes de padres, religiosas e leigos das regiões episcopais, além de assessores teológicos e pastoralistas.

Uma motivação profunda vinha da necessidade de colocar em prática as conclusões do Concílio Vaticano II, ainda pouco assimiladas pelas estruturas da Igreja. de modo especial o seguinte trecho da "Gaudium et Spes" marcou o início do Projeto:

"As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos e discípulas de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano, que não lhe ressoe no coração".

Sob esta inspiração, nos pusemos a pergunta: — será que conhecemos os anseios, as alegrias e tristezas do povo que vive hoje na área metropolitana de Belo Horizonte?

Será que, como Igreja, estamos sendo presença solidária e carregada de esperança no meio dos que sofrem mais? Como nós aproximar deles, como ir ao seu encontro e deixar que tudo isso ressoe no nosso peito? Como, mais importante ainda, levar a salvação, isto é, levar a **bondade de Deus** ao coração destas pessoas?

Como ser portadora de idéias novas, da Boa Notícia, neste final de século, na cidade grande? Como confrontar a mentalidade cristão de fraternidade com a mentalidade moderna individualista, narcisista, consumista?

Como responder ao sentimento de vazio interior, anonimato, solidão na grande cidade?

como todas estas perplexidades a tomar conta das mentes e corações da Comissão, sem metas e prazos claramente definidos, partiu-se para a aventura do Projeto. Pretendíamos "desencadear um processo de revisão pastoral mais abrangente para ser presença viva, carregada de esperança, na atual sociedade".

1. Metodologia e breve histórico

O primeiro fato foi a tomada de consciência da nossa **ignorância sobre a cidade moderna**. Há um descompasso muito grande entre a Igreja e a cidade. Descompasso de linguagens, de ritmos e de símbolos. Um desconhecimento que dificulta a ação pastoral adequada. A estrutura em paróquias parece não responder à complexidade da cidade.

É urgente um esforço de conjunto, superando a fragmentação paroquial com vistas à presença na metrópole.

A partir destas constatações, vimos que o primeiro passo era tentar compreender melhor a cidade. O Projeto teria de **partir de estudos, pesquisas, sondagens e levantamentos** sobre a realidade e o que pen-

sam as pessoas. Foram realizadas várias pesquisas: uma feita durante as missas levantou o perfil dos fiéis que ainda frequentam a Igreja; outra, feita por amostragem, sobre a fé e as práticas religiosas da população da arquidiocese; a terceira para escutar as críticas e sugestões à Igreja. Com base nestes dados vieram as orientações gerais do Projeto.

O segundo aspecto foi a decisão de que não haveria mais um plano pastoral (que muitas vezes não sai do papel), mas um **projeto aberto**, um processo participativo, sem prazos e metas definidas *a priori*, pois o caminho se faz ao caminhar.

A terceira opção no início do Projeto foi a de se dar espaço para o **protagonismo dos leigos** em todas fases e atividades, inclusive nas decisões.

Foram constituídos **grupos de trabalho** para os temas que necessitam de uma atenção especial da Igreja na cidade: **meios de comunicação social, formação de leigos, pastoral social, juventude, liturgia e vida, acolhida.**

Através de pesquisas foram constatadas deficiências na formação dos fiéis, que muitas vezes não valorizam o que é essencial no cristianismo, desconhecem a Bíblia e os fundamentos da fé, não dão testemunho de vida. Tratava-se, então, de melhorar a formação dos católicos praticante, tornando-os evangelizadores. Para isso foram lançados os **Programas de Evangelização dedicados à formação bíblica**. Optou-se também pela dinamização da **Pastoral Social**, aproveitando mais as Campanhas da Fraternidade. Por fim, viu-se a necessidade de renovar a **Pastoral Sacramental**. Procurou-se valorizar o que já havia de bom, melhorando a qualidade do que se fazia. De modo geral todas as atividades do Projeto até o momento estão baseadas nestes três pilares.

Os **Programas de Evangelização** são instrumentos de formação a partir dos evangelhos dos domingos. Oferecem roteiros para homília, para melhorar a celebração da liturgia e para grupos de reflexão em casa, durante a semana. (A cada domingo são distribuídos nas missas 250 mil volantes com os roteiros de reflexão). Confrontam o evangelho com a vida. Evitam doutrina formulada, já feita. Transmitem mais a pedagogia de Jesus, para que as pessoas descubram as respostas para as situações de hoje. São reforçados por programações de rádio e de televisão. Os temas dos Programas são variados como: "Eu Sou a Ressurreição e a Vida" (tema escolhido porque a pesquisa mostrou que 60% dos católicos acreditavam na reencarnação); "Ser cristão hoje", "Nesta comunidade você se realiza", "Nossa Fé exige participação"... Alguns destes Programas foram especialmente dirigidos para desenvolver o sentido missionário, como os programas N^{os} 7 e 8: "Ir ao

encontro do outro, já" e "Como o Pai me enviou, eu também envio a vocês". Foram visitadas mais de 300 mil famílias, com o objetivo de abertura ao diálogo, entregando-se um cartão com uma bênção. O fato de Belo Horizonte ter sediado o V Congresso Missionário Latino-Americano foi motivo de conversão e crescimento de nossa Igreja.

Desde o início do Projeto, procura-se motivar as comunidades eclesiais para darem sua contribuição na criação de um novo sentido de responsabilidade na **ética pública** e no empenho na luta contra a pobreza e a exclusão. As Campanhas da Fraternidade de 93 e 95 sobre "Moradia" e "Excluídos", marcaram uma grande abertura das comunidades e paróquias para a solidariedade com os **pobres** e uma valorização das Pastorais Sociais como a de Rua, do Menor, da Criança, dos Direitos Humanos, da Mulher Marginalizada, dos Negros e muitas outras que já desenvolvem um bonito trabalho na Arquidiocese. Em sua maioria, as paróquias fizeram seus mapas das situações de exclusão e de sinais de vida. Começa a se organizar, a nível de cada região, uma verdadeira rede de solidariedade com os excluídos.

A questão da **moradia**, grave problema das metrópoles latino-americanas, vem sendo enfrentada através do Centro de Apoio aos Sem Casa que tem duas frentes de atuação: a) junto às famílias sem-casa, sendo presença solidária, animando e assessorando sua organização em grupos, na busca de moradia digna, e, b) junto ao poder público, pressionando para a criação de fundos e conselhos municipais e estadual de habitação popular, democratizando as decisões de uma política social. Hoje já existem 53 grupos organizados, abrangendo aproximadamente 7000 famílias sem-casa. Destas, 1440 famílias já conquistaram seu lote urbanizado para construir sua casa, através da reivindicação junto ao Orçamento Participativo da Prefeitura de Belo Horizonte. O Projeto incentiva o mutirão e a auto-construção. O mais bonito é o processo de crescimento da auto-estima e da organização destas famílias. Uma nova qualidade de relação foi instaurada, baseada na convivência e resgate da capacidade dos "sem-casa" como sujeitos que se descobrem importantes: como disse uma líder popular dos sem-casa, "fui sentindo eu crescendo como pessoa".

2. Desafios das cidades e buscas de respostas

As reflexões, vivências e estudos da problemática das cidades durante os três primeiros anos de caminhada do Projeto, foram apontando, aos poucos, os três pontos básicos que passariam a ser os objetivos a longo prazo da ação evangelizadora da Igreja Local para responder os desafios da metrópole moderna: a) a busca de uma *nova espiritualidade*, b) a *rede de comunidades* e c) a *presença pública da Igreja*.

Estas propostas nasceram a partir dos relatórios dos inúmeros grupos de reflexão; das discussões nas assembleias de clero, de leigos, de religiosos; dos trabalhos dos grupos temáticos; dos resultados das pesquisas e consultas a diversos segmentos. Colocados como um "horizonte comum do nosso caminhar", os objetivos são buscados em todos nossos subsídios. Devem ser adaptados e vividos na diferença da realidade de cada comunidade, paróquia, movimento ou pastoral da Igreja.

a) Busca de uma nova espiritualidade

Há hoje um anseio generalizado por uma nova espiritualidade, especialmente nas grandes cidades. A setorização da vida moderna, o ativismo desenfreado, o consumismo e o materialismo reinantes provocam desgastes, frustrações, desânimo. As pessoas, muitas vezes migrantes, perdem não só sua terra, mas suas raízes, seus vínculos, sua identidade. Nota-se uma espécie de esvaziamento do "ser" das pessoas, que passam a procurar experiências transcendentais, contatos com o sobrenatural, para preencher o vazio existencial e a desintegração interior. O catolicismo, que tinha um lugar central na vida rural e nas cidades do interior, vai perdendo seu significado, não respondendo aos anseios atuais. A televisão vai preenchendo o cotidiano, influenciando valores, reduzindo as pessoas a consumidoras e espectadoras passivas, sem tempo para a convivência. Como permanecer inteiros diante de tantos apelos e da multiplicidade de afazeres? Como enfrentar a fragmentação da vida sem unidade interior?

Geralmente as práticas religiosas usuais da Igreja católica não vêm respondendo a este anseio por uma experiência espiritual mais profunda. Percebe-se um cansaço da rotina e dos símbolos, ausência de silêncio e momentos de interioridade, práticas externas e uniformes esvaziadas de sentido para a história de vida de cada um. A maioria dos fiéis vai à missa para cumprir um preceito e não compreende direito o sentido e os gestos da celebração eucarística. Também as tentativas de um espiritualismo desencarnado, com forte tom emocional, não são capazes de estabelecer esta ligação mais profunda.

Além das práticas devocionais tradicionais (promessas, peregrinações, festas...), e das práticas tridentinas (frequência aos sacramentos, preceitos morais) precisamos encontrar uma nova espiritualidade que sustente a vida do cristão no mundo de hoje, permitindo-lhe realizar aquela unidade de fé e vida, que é a essência de nossa religião.

A nova espiritualidade baseia-se na experiência pessoal e profunda de encontro com Deus, Pai e Mãe amorosos. Experiência de entrega,

que ao mesmo tempo, nos integra por dentro. Experiência que unifica e centraliza a vida. Mais ainda, reencanta o nosso olhar sobre a vida. Permite descobrir a luz irresistível de Deus acesa no fundo das coisas, capaz de descobri-lo como o "enamorado da vida". Um olhar de amor capaz de descobrir Seus sinais no rosto sofrido do irmão. Um olhar que dá sentido, ânimo e coragem ao cotidiano atribulado. São necessários momentos de quietude e silêncio, quando se tenta sintonizar e captar a presença gratuita e atuante de Deus em nós, nos outros, nos acontecimentos, iluminados por sua Palavra.

A experiência de Deus faz-se mais como momentos de oração silenciosa, de **encontro e escuta interior** a partir de uma leitura bíblica, da contemplação, para perceber os sinais que o Senhor está nos enviando. Experiência de recolhimento e silêncio interior, que nos prepara para sermos **acolhedores**. Não se reduz à repetição mecânica de devoções e rezas, nem a pedir coisas, nem é objeto de doutrinação. É uma experiência necessária e possível numa cidade grande, que pode ser feita de manhã num canto da casa, ou dentro de um ônibus. É um grande desafio para a Igreja hoje, introduzir e educar os fiéis nesta experiência religiosa mais profunda, onde a subjetividade da pessoa se encontra com o apelo forte do seguimento de Jesus, na escuta do Evangelho, na iniciação à prática litúrgica e sacramental.

O Projeto tem oferecido subsídios que esclarecem sobre as condições e pessoas necessários a esta experiência de Deus (livreto "Em busca de uma nova espiritualidade"), incentivando a prática de retiros. Durante a quaresma de 95 ofereceu um roteiro de espiritualidade para os cristãos prepararem-se para a visita aos excluídos e para fazer o mapa da exclusão nas paróquias. As novenas de Natal, os volantes do Programas de Evangelização sempre adotam prática da leitura orante da Bíblia, procurando ligá-la com o cotidiano da vida.

Entretanto, todas estas iniciativas são ainda insuficientes. algumas inquietações ainda nos perseguem:

- Como criar oportunidades em nossas liturgias, celebrações, encontros, para que os fiéis aprendam a fazer experiência de Deus?
- Como superar modelos de vida cristã que não unem fé e vida, porque se reduzem a obrigações, preceitos, fórmulas esvaziadas de sentido, ou porque se limitam a expressões emocionais, sem compromisso?
- Como podemos dar testemunho desta rica experiência interior no nosso ambiente de trabalho, nas nossas parcerias, na vida cotidiana?

b) A Igreja como rede de comunidades

Na cidade grande há, paradoxalmente, uma perda e um anseio de comunidade, de pertencer a um lugar ou grupo de referência. As relações de vizinhança ficam enfraquecidas. A vida corrida leva a um processo de desenraizamento e desagregação entre as pessoas. Uma outra relação com o espaço e o tempo está presente nas cidades. Os meios de comunicação social, a facilidade de transportes, leva à desterritorialização e à fragmentação das relações.

A grande paróquia urbana tende a transformar-se numa distribuidora apressada de sacramentos, com baixa prática religiosa e anonimato dos fiéis. Num trabalho quase de massa, as pessoas não se sentem acolhidas, nem reconhecidas, nem responsabilizadas pelo irmão necessitado, como era nas primeiras comunidades cristãs. A mobilidade fácil e o encurtamento das distâncias nas cidades não combinam com os limites territoriais rígidos das paróquias.

As comunidades de base territorial, fortes na zona rural e ainda presentes na periferia urbana, não conseguem se implantar nos bairros centrais. Por todo lado crescem os movimentos transparoquiais internacionais, mas com pouca sintonia com a Igreja local.

Como articular estes diferentes modelos de estruturas eclesiais?

Uma resposta em que apostamos é que a Igreja local deve se constituir em forma de "redes" de pequenas comunidades diversificadas: comunidades ligadas à vizinhança, a grupos de interesse ou de profissão... Grupos que agreguem pessoas que têm em comum uma certa experiência ou visem os mesmos objetivos, em particular o de partilhar sua fé refletindo-a na vida. A proposta é que as paróquias se transformem em uma rede de pequenas comunidades. Mais ainda, buscamos a multiplicação e a diversificação de formas de vida comunitária, de integração e associação entre os cristãos. As pequenas comunidades lembram o jeito da Igreja primitiva nas cidades.

A comunidade eclesial em escala menor tem rosto mais humano. Nela se partilha a experiência de Deus e da vida, a partir da Palavra, dos sacramentos e do serviço missionário aos excluídos. Na pequena comunidade é mais fácil a ligação entre fé e vida cotidiana e a busca de uma postura alegre e acolhedora, de atenção às pessoas, contato pessoal, tratamento personalizado. A própria experiência das comunidades de base, geralmente dirigidas por leigos, mostra que nelas se consegue melhor esta ligação do religioso com o social.

O jeito de articular-se em "rede" responde a um anseio contemporâneo por democracia, por relações igualitárias, horizontais, ao mesmo

tempo autônomas e ligadas. Em lugar de uma estrutura hierarquizada ou centralizada, várias unidades (comunidades eclesiais) estão coligadas entre si e trocam informações e promovem a ajuda mútua.

Esta maneira pode lembrar a imagem usada por S. Paulo da Igreja como corpo de Cristo, onde todos os membros estão ligados. O importante é que as pequenas comunidades não se fechem, estejam abertas e ligadas e que se tornem missionárias.

O Projeto "Construir Esperança" tem procurado tomar iniciativas neste sentido. Desencadeou um processo para repensar a paróquia e as prioridades do padre, através de um roteiro de "renovação paroquial". Os Programas de Evangelização vem incentivando a criação de grupos de reflexão, que são sementes de pequenas comunidades de fé e vida. Através de uma nova Pastoral Sacramental tem procurado dar mais atenção e acolhida às pessoas que procuram os sacramentos por tradição, transformando este momento em evangelização, conversão e sentido de vida. Para tudo isso ser possível, tem incentivado a criação de novos ministérios leigos.

Entretanto, algumas perguntas permanecem para as paróquias, movimentos, pastorais, enfim para toda Igreja Local:

- O que podemos fazer para incentivar a criação de pequenas comunidades (na vizinhança, nos ambientes de trabalho, nas escolas etc.) e de uma articulação entre elas?
- Como converter nossos grupos, pastorais específicas, equipes de trabalho... em comunidade? como abrir-se mais para o intercâmbio e a comunhão fraterna?
- Os grupos de reflexão criados em função dos Programas de Evangelização, os Círculos Bíblicos, são sementes de pequenas comunidades?

c) Presença pública da Igreja

Na grande cidade cresce o nível de violência, corrupção, injustiça, impunidade... A Igreja muitas vezes tem sido tímida para influenciar os critérios de decisão e a ética pública, para denunciar profeticamente o que está errado, para testemunhar o serviço e a solidariedade com os mais pobres e injustiçados.

Como explicar que o maior continente católico do planeta, que portanto deveria ser um continente de irmãos, solidário e fraterno, tenha os piores índices de injustiça e de distância entre pobres e ricos? Nossa fé incide muito pouco sobre nossa vida social concreta. A sociedade de hoje tende a restringir a religião à esfera do "privado",

da vida íntima e pessoal de cada um, não levando ao compromisso comunitário. Entretanto a Igreja Católica goza de alto prestígio na opinião pública. Por isso mesmo deveria influenciar mais.

Portanto, um objetivo inseparável da missão da Igreja é o de buscar novas formas de presença "pública". A cultura atual está mais atenta ao orador que ao discurso, aceita mais testemunhas que mestres. A presença pública da Igreja, será mais evangélica quanto mais for uma presença de serviço, um testemunho de pobreza e de opção pelos pobres, um sinal dos valores transcendentais que apontam para o Reino de Deus, de crítica às estruturas de injustiça. Isso passa pela atuação de cada cristão no seu ambiente de trabalho, na família, na escola, na política, nos meios de comunicação de massa...

Segundo as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, o **serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres** é o primeiro elemento da missão, antes mesmo do anúncio.

Em Belo Horizonte, vários eventos de massa foram realizados para evidenciar a presença pública da Igreja, como: encontro do Arcebispo, D. Serafim com os candidatos a prefeito dos 25 municípios da área da Arquidiocese; romaria "Morar é Viver" em solidariedade aos sem-casa; "Igreja na Praça Rezando pelo Brasil que a Gente Quer"; "Vigília pela Vida" com os excluídos; Seminário "Município Mais Humano É Possível" sobre as saídas da exclusão social com as prefeituras da região; projeto de lei de iniciativa popular sobre moradia na Assembléia Legislativa etc. Além destes eventos, vários subsídios de reflexão em grupos foram oferecidos como: "Ética, Pessoa e Sociedade", "Votar: Como?", "Nossa Fé Exige Participação" etc..

Uma atividade importante foi que quase todas as paróquias da Arquidiocese fizeram o levantamento do mapa das situações de exclusão e dos sinais de vida existentes em seu meio, refletidos também a nível de foranias e regiões. Para elaborar os mapas, foram feitas visitas aos excluídos, tentando ver neles o rosto do Senhor. Buscando fazer experiência de Deus no encontro com o irmão sofrido, aproximando-se dele e fazendo gestos de solidariedade.

De maneira geral as Campanhas da Fraternidade têm sido dinamizadas e aproveitadas como um bom veículo para dinamizar nossa Igreja para a presença pública nas questões ético-sociais. Já lançamos vários subsídios no tema da CF-96 sobre Política e Fraternidade como a novena de Natal no final de 1995, o roteiro de encontros para os grupos de reflexão, a Via Sacra, o roteiro de homilias que trabalha o conceito de política como a busca de felicidade etc. Foi muito importante o lançamento da CF este ano ter sido feito em várias Câmaras Municipais.

Os eventos de presença pública da Igreja tem contado com a participação e apoio de outras denominações religiosas e de pessoas de boa vontade. As questões éticas, sociais, políticas têm sido um ponto de avanço no ecumenismo e diálogo entre as religiões. Outra iniciativa interessante de uma região episcopal foi a articulação de pessoas que ocupam cargos de influência na sociedade (Grupo "Cristãos pela Vida"), inquietos com a realidade atual e a busca de cidadania e democracia. Entretanto, todas estas atividades são apenas um começo.

A contribuição política da Igreja na construção de uma cidade mais humana tem que ser muito maior e pode se dar de inúmeras maneiras. Pelo menos em três pontos temos um papel a desempenhar.

— Contribuir para um **despertar ético**, de vários modos. Provocando indignação com o que está aí. Solidariedade com as vítimas. Responsabilidade e pluralidade de respostas. Crítica aos valores dominantes na sociedade, veiculadas pela mídia como o individualismo, o consumismo, o narcisismo. Disseminação de valores mais humanos, de estilos de vida mais simples, austeros, solidários;

— Estimular, apoiar, divulgar "**experimentos demonstrativos exemplares**", pequenos sinais libertadores, de participação em projetos de ação local com os excluídos, na conquista de mais vida, dignidade e cidadania. Sinais que sirvam de testemunho e estímulo para outras iniciativas e serviços. Neste sentido a Igreja precisa trabalhar na formação de atores sociais junto aos excluídos e na valorização dos municípios e poder local;

— Incentivar e potenciar a criação e o acompanhamento de todos os **canais de participação política** como foruns, conselhos, parcerias, leis de iniciativa popular, orçamento participativo etc. que assegurem o aprofundamento da democracia e os mecanismos de controle social do Estado para que esteja a serviço do interesse público e dos excluídos. Incentivar maior participação dos cristãos nos partidos políticos, com mandatos eletivos no legislativo e no executivo, testemunhando a vivência da política como poder-serviço, lugar de fraternidade.

Ficam algumas perguntas para nossa reflexão:

— Como podemos marcar presença pública na realidade de nosso bairro ou região? Que iniciativas poderemos tomar? Com relação a que problemas ou sofrimento humano, não podemos ficar indiferentes? Que "forças vivas" convocar?

— Há apelos fortes na atual conjuntura que exigem de nós um engajamento: a Ação da Cidadania contra a fome, a miséria e pela Vida, a questão do desemprego, as eleições municipais e o ação local, a reforma agrária como justiça social e exigência de democracia (fundamental para as cidades) etc. Como podemos nos posicionar diante disto?

— Será que estamos convencidos de que a presença pública é ação evangelizadora? Será que estamos convencidos que o empenho pela justiça e libertação integral é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja? Mais ainda, será que entendemos o apelo das novas Diretrizes da CNBB que coloca o "serviço e a participação na sociedade pelo bem dos pobres" como a primeira fase da missão, antes mesmo do anúncio?

3. Dificuldades e perspectivas

No fundo, parece que **não temos a ousadia necessária para ensaiar novas formas de ser Igreja na cidade**. São muitas as dificuldades.

— Uma delas é convencer os fiéis (e às vezes os próprios presbíteros) a passar de uma religiosidade individual a uma presença pública solidária, atingindo as estruturas da sociedade. Como deslocar as forças vivas de uma Igreja eclesiocêntrica em direção à construção de uma cidade mais sensata? Como buscar novas formas de diminuir a exclusão, o sofrimento humano? Será que precisamos de criar novas pastorais sociais?

— Outra dificuldade é vencer o peso da rotina e da acomodação, ultrapassando a dominância da estrutura eclesial em **paróquias**, ainda muitas vezes vividas como pequenos feudos e não como comunidade de irmãos desafiados igualmente a olhar para fora dos muros. Envolver os modernos movimentos eclesiais supraparóquiais na caminhada comum é também uma necessidade e desafio. Mais ainda, precisamos criar alguma estrutura pastoral e investir recursos humanos em problemas **urbanos**: buscar contatos com o mundo da ciência, da arte, da mídia.

— O protagonismo do **leigos** ainda é uma utopia em nossas estruturas eclesiais. Não aceitamos a expressão "aos clérigos, a Igreja; aos leigos, o mundo", mas não temos conseguido inovar muito neste campo. Isto exigiria uma inversão de prioridades por parte do ministério ordenado.

— Como suscitar e integrar pessoas (presbíteros, leigos, religiosas, pessoas de boa vontade) num querer comum, num eixo de unidade que faça avançar? Como caminhar em **colegialidade**, participação e pluralidade, e ao mesmo tempo, num projeto global de evangelização da cidade?

— A cultura contemporânea é dominada pelas **imagens**, muito mais que pelo discurso. Rende-se mais pelos olhos do que pelos ouvidos. além da importância do testemunho, temos que aprender a usar os meios de comunicação social e a informatização. É pelas imagens da televisão que as pessoas se contemplam e projetam sua identidade, seus valores. A comunicação de massa e a publicidade criam necessidades, produzem mercados. Será possível desenvolver imagens evangelizadoras?

Enfim, a complexidade da realidade urbana, mais ainda, a crise de civilização que estamos vivendo, exigem **mudanças muito mais profundas** na nossa ação evangelizadora.

Por enquanto...

a) Precisamos estar mais atentos à cidade. Deus não foi-se embora da cidade. Precisamos procurá-lo ali. A metrópole não é lugar só de violência, fome, desemprego, anonimato, solidão... A cidade é também lugar onde crescem a solidariedade, a democracia, os direitos humanos.

b) O que está aí precisa ser evangelizado. E para sermos evangelizadores, precisamos em primeiro lugar nos deixar evangelizar. Diariamente, precisamos converter-nos. Ter momentos de encontro com Deus através da leitura orante da Bíblia e do encontro com o irmão sofrido. Alimentar nossa espiritualidade para agir com mais entusiasmo e lucidez.

c) Qual o papel do evangelizador hoje na cidade?

— “fazer o que Jesus fez, isto é, por palavras e ações, expressar o amor misericordioso e compassivo para com todos, mas em especial com os pequenos, os pobres, os mais necessitados e esquecidos de nossa sociedade injusta e excludente”;

— levar a salvação, isto é, levar o bom ao coração dos homens e das mulheres, tornar presente a bondade de Deus no meio da cidade.

O Projeto “Construir a Esperança” continua. Agora fortemente desafiado a entrar numa nova fase voltada mais “para fora”, mais missionária. Muitas de nossas inquietações iniciais sobre a cultura urbana atual permanecem. Agora acrescentadas

de outras como a globalização, o aumento da exclusão social... De qualquer maneira, estamos aí, uma Igreja peregrina em busca de maneiras inovadoras de ser Boa Nova nas cidades.

Com humildade, continuamos rezando:

“O Deus, nosso Pai, que por meio de Vosso Filho Jesus, confiastes à Igreja a missão de anunciar a salvação a todos os homens e mulheres,
e lhes prometestes a presença do Espírito Santo, dai-nos luz para conhecer os desafios da hora presente, coragem para encará-los de frente e **esperança para buscar as soluções adequadas**”.

As perplexidades, inquietações e dificuldades, não podem deixá-nos impotentes, imobilizados. Em qualquer lugar que ocupamos, sempre dá para fazer alguma coisa. Com alegria e ousadia, continuemos o caminho, pois contamos com a presença atuante do Espírito do Senhor da Vida, no meio de nós.

Endereço da Autora:
R. Espírito Santo, 1059 — S/1010
Edifício Pio XII
30160-922 Belo Horizonte-MG